

CONSIDERAÇÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE INFANTIL

Izabella Alvarenga SILVA
Lara Cucolicchio LUCATTO
Luciana Aparecida Nogueira da CRUZ
Raul Aragão MARTINS

Resumo: O comportamento agressivo de crianças pequenas preocupa muitos pais e profissionais que atuam na educação infantil. Ações como chutar, empurrar, bater e agressões verbais como gritar, xingar e discutir são observadas cada vez mais entre crianças. A multiplicidade de fatores envolvidos na conduta agressiva aponta para uma diversidade de teorias que abordam o tema. O objetivo deste artigo é apresentar considerações sobre as principais formas de manifestação do comportamento agressivo em crianças e possíveis intervenções que podem ser realizadas no contexto escolar. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para seleção de artigos científicos e outros textos que constituem a bibliografia consultada. A primeira infância é um período crítico quanto à presença de problemas de comportamento, as intervenções mostram-se eficazes quando planejados de acordo com as características da escola, dos profissionais envolvidos e das famílias.

Palavras-Chave: Comportamento agressivo, escola, intervenção.

CONSIDERATIONS ABOUT THE CHILDREN AGGRESSIVENESS: A LITERATURE SEARCH ABOUT THE MAIN MANIFESTATIONS AND POSSIBLE INTERFERENCES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT.

Abstract: The aggressive behavior in young children worries many parents and education working professionals. Actions such as kicking, pushing hitting and verbal aggressions such as yelling, swearing and arguing are more and more noticed among children. The variety of factors involved in the aggressive conduct points to a diversity of theories that address. This article's objective is to present considerations about the main aggressive behavior's ways of manifestations in children and possible interferences that may be performed in the school environment. In order to do that, a literature search was conducted in order to select scientific articles among other texts constituting the bibliography. The infancy is a critical period for the presence of behavioral problems, interferences show up effective when planned according to the school, the professionals involved and families' characteristics.

Keywords: Aggressive behavior, school, interference

Introdução

Atualmente verifica-se nas escolas uma crescente preocupação quanto às manifestações de comportamentos agressivos e violentos apresentados pelos alunos em todos os níveis de ensino. Os professores, em especial, queixam-se do aumento de comportamentos agressivos e desafiadores dos alunos, da postura desobediente e confrontadora, da hiperatividade e da não realização das tarefas cotidianas (PICADO e ROSE, 2009).

Quando intensos e persistentes, os comportamentos agressivos configuram-se como importantes entraves para o desenvolvimento emocional, social e afetivo da criança e “configuram-se como fatores de risco para o desenvolvimento, estando associados à dificuldade de interação, rejeição pelos pares, dificuldades de

(BORSA e BANDEIRA, 2014, p. 9). Além disso, predizem atitudes desafiantes e opositoras, vandalismo e comportamento delincente.

Considerando que os comportamentos agressivos dos alunos são de difícil compreensão para os profissionais que trabalham na escola e que intervenções são necessárias na tentativa de resolver os conflitos e desentendimentos do dia a dia, o objetivo deste texto é oferecer aos profissionais que trabalham nas escolas oportunidade de entendimento e discussão, ainda que de forma breve, de aspectos relacionados à agressividade dos alunos percebida no ambiente escolar. Pensado para profissionais interessados pela infância e suas questões, o texto foi organizado da seguinte forma: primeiro apresentamos a definição de comportamento agressivo de acordo com as abordagens pesquisadas, em seguida selecionamos as principais formas com que se manifesta e por fim discutimos possíveis intervenções que podem ser desenvolvidas no contexto escolar.

Metodologia

Por meio de pesquisa bibliográfica em um portal eletrônico de periódicos científicos brasileiros (Scielo), no *site* do Google Acadêmico e em livros impressos buscamos contribuições para o presente artigo. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica acontece a partir de um material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica realizada na página eletrônica Scielo aconteceu entre os meses de dezembro de 2014 a janeiro de 2015, e as palavras-chave usadas na busca foram agressividade, comportamento agressivo, infância, escola, intervenção. Os sete artigos selecionados dividem-se em três temas principais: “agressividade e habilidades sociais”, “resolução de conflitos” e “formação continuada

de professores”. Além dos artigos científicos, a bibliografia consultada é constituída de livros, capítulos de livros e outros textos acadêmicos.

Definição e principais formas de manifestação do comportamento agressivo

Considerando as relações interpessoais, toda relação está sujeita a conflitos, em razão das idiossincrasias de cada pessoa. Portanto, o desentendimento entre as pessoas diz respeito a uma parcela da vida diária que, de tão extensa, pode ser considerada intrínseca a condição humana.

Os conflitos interpessoais, entendidos como situações de interação social em desequilíbrio, podem ser resolvidos de maneira violenta ou pacífica, segundo Deluty (1985). Na resolução pacífica, há dois tipos de comportamento: o submisso e o assertivo. O comportamento submisso caracteriza-se pela fuga ao enfrentamento da situação, na maioria das vezes por medo, ou algumas vezes por desejabilidade social. O indivíduo apresenta uma dificuldade em pensar em uma outra solução possível, para ele é como se existisse somente a fuga ou a luta como possibilidade de resolução. Como ele não quer agredir, na tentativa de restaurar o equilíbrio, acaba agindo com submissão.

No comportamento assertivo, há o enfrentamento da situação sem a necessidade de agressão. O indivíduo consegue expor suas ideias de forma não violenta, geralmente apresentando sua perspectiva e tentando coordená-la com a do outro. Tal comportamento é o que mais utiliza recursos cognitivos e afetivos, pois o sujeito avalia a situação e planeja as decisões que serão tomadas sem agir de maneira impulsiva ou submissa (VICENTIN, 2011; LEME, 2004). Na maneira violenta de resolver o conflito, encontra-se o comportamento agressivo, no qual o indivíduo utiliza a força física ou a coação psicológica para atingir seu objetivo na situação, caracterizando-se por ser a forma menos elaborada de resolver conflitos.

Para Queiroz (2009) existe uma recorrente polarização quando se fala em estudos sobre o comportamento humano agressivo, há pesquisadores que acreditam que a agressividade está sujeita a influências inatas ou instintivas, e outros acreditam que a agressividade é um comportamento aprendido. Ainda de acordo com este autor, os eventos agressivos não podem ser tomados como unitários, sua ocorrência e percepção estão sujeita a múltiplos fatores e uma abordagem interdisciplinar enriquece as análises, “a despeito da multiplicidade de fatores envolvidos na conduta agressiva (biológicos, psicológicos, ambientais, socioculturais), ela só ganha sentido se localizada em quadros socioculturais específicos” (QUEIROZ, 2009, p.132).

De acordo com Borsa e Bandeira (2014), diferentes teorias têm contribuído para a compreensão do comportamento agressivo, há as abordagens teóricas clássicas como a Etologia, a Psicanálise, o Behaviorismo e a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura, tais teorias associam a agressividade às predisposições genéticas, às pulsões, à frustração e à modelagem, respectivamente.

As predisposições genéticas são fatores bioquímicos que atuam em áreas cerebrais, influenciando padrões de comportamento; as pulsões, conceitos característicos da Psicanálise, são energias promotoras da vida (pulsão de vida) ou direcionadas para a destrutividade ou agressividade (pulsão de morte); a frustração é o não alcance de objetivos e recompensas pelo indivíduo, que frustra-se diante daquilo que não foi alcançado, tal fato produz um excesso de energia que é exteriorizada sob forma de agressividade; e a modelagem, conceito de Albert Bandura, é a aprendizagem de um comportamento a partir da observação de modelos (SILVA, OLIVEIRA e KRISTENSEN, 2014). Há também as abordagens denominadas ‘modelos integrativos’ unindo visões biológicas, processos cognitivos e fenômenos psicossociais como a

Teoria Cognitiva Neo-Associacionista, o Modelo Geral da Agressão, o Processamento da Informação Social e o Modelo Neurobiológico.

Diante de todas essas abordagens e suas diferenças, um ponto em comum que as norteia é a necessidade de responder a seguinte indagação: *Por que algumas crianças apresentam comportamento agressivo?* Não há resposta pronta e única, cada abordagem teórica apresenta diferentes explicações para tal comportamento.

Há na literatura o consenso de que diversas variáveis influenciam no surgimento e na manutenção dos comportamentos agressivos na infância, tais como fatores biológicos, psicológicos, evolutivos, culturais, sociais e emocionais, além dessas variáveis há o contexto familiar, as práticas educativas parentais e as características pessoais como a personalidade. Nesse sentido, o comportamento agressivo é produto de um complexo processo de interação entre variáveis internas e contextuais, que interagem continuamente e simultaneamente, ao longo do desenvolvimento da criança.

Existe uma dificuldade de conceituar e mensurar o comportamento agressivo, em função da natureza deste, a maior parte dos estudos sobre o comportamento agressivo o entende como uma conduta que produz impactos negativos tanto para o agressor como para quem foi agredido.

A definição de comportamento agressivo adotada nesse trabalho é “um ato ou conduta que visa causar algum dano físico ou psicológico a alguém ou a um grupo de pessoas” (BORSA e BANDEIRA, 2014, p. 11), a intenção do ato é um aspecto importante, pois para o comportamento ser considerado agressivo é necessário que exista o interesse por parte do agressor de causar dano à vítima ou ao alvo de agressão.

Ainda de acordo com Borsa e Bandeira (2014), o comportamento agressivo pode ser classificado como proativo ou instrumental, ou como reativo ou impulsivo. O agressivo proativo é caracterizado pela agressão deliberada com um objetivo, são

aqueles comportamentos ‘frios’, ‘calculados’ e estão relacionados a um maior senso de autoeficácia (quanto mais a criança percebe quão eficazes são seus comportamentos agressivos, mais ela recorrerá a eles para atingir um objetivo). As crianças que apresentam comportamento agressivo proativo tendem a priorizar os objetivos pessoais aos objetivos sociais e a serem reconhecidas pelo grupo como populares e assertivas, assumindo papel de liderança. O comportamento agressivo reativo é caracterizado pelas respostas impulsivas defensivas diante de uma provocação, é associado a reações fisiológicas e sentimentos de raiva e frustração, experiências sociais negativas e maior rejeição e vitimização entre pares.

O comportamento agressivo pode se manifestar de diferentes formas e pode ser direcionado aos familiares, professores, pares, animais ou objetos, “quando direcionados aos pares os comportamentos agressivos manifestam-se por meio de ações físicas como chutar, empurrar, bater e agressões verbais como ofender, gritar, discutir” (BORSA e BANDEIRA, 2014, p. 14), o período em que as manifestações da agressividade aparecem com maior frequência e intensidade é a educação infantil, nesta etapa da escolarização os educadores enfrentam mais problemas para lidar com tal comportamento, pois dificilmente as advertências e tentativas de reprimir tais manifestações têm sucesso.

Afinal, o que poderia desencadear os comportamentos agressivos nos pequeninos? De acordo com Leme (2004), as variáveis desencadeadoras da conduta agressiva podem ser situacionais como frustração, ataque, conflito, violação de normas, e elementos ambientais estressantes, tais como calor ou ruído, dessa forma, o comportamento agressivo pode ser desencadeado após um processo de avaliação complexo no qual interagem variáveis pessoais e situacionais que aumentam ou diminuem o nível de ativação necessário para impulsionar a conduta agressiva. Outra questão que merece

atenção é a estabilidade desta conduta, se é interrompida, ou se evolui para formas mais graves de comportamento.

De acordo com Vicentin (2011) e Leme (2004), as crianças agressivas estão mais expostas ao isolamento social, esse tipo de comportamento desperta rejeição por parte de outras crianças, gerando um círculo vicioso uma vez que a experiência do isolamento provoca sentimentos negativos como a raiva, que aumentam a probabilidade de ocorrência do comportamento agressivo. Além disso,

a cultura em que se processa a socialização da criança desempenha um papel fundamental no aprendizado da resolução de problemas interpessoais, no sentido em que diferentes sistemas de valores expressam diferentes ideias de vida, que constituem um universo simbólico que dá significado às interações sociais de um dado grupo (LEME, 2004, p. 372).

Alguns estudos indicam como causa do comportamento agressivo a família, pois ela pode ser negligente quanto a construção de atitudes e valores contrários à violência ou desrespeito, como indicam Almeida, Silva e Teodoro (2014). A ausência de explicitação de valores como honestidade, respeito à propriedade alheia e o estilo de punição, como castigos severos contribuem significativamente na internalização de modelos agressivos e violentos. Desse modo, a forma como a família resolve os conflitos interfere significativamente na maneira como as crianças lidam com os seus conflitos. No âmbito escolar, os educadores deveriam ficar mais atentos aos estilos de resolução de conflitos das crianças, já que este é um indicador sobre a necessidade de se trabalhar com os alunos os aspectos desejáveis e indesejáveis na nossa conduta.

Para Leme (2004) a agressividade responde bem a programas de intervenção, todavia, os resultados dos programas iniciados em idade pré-escolar são mais eficazes do que em idade escolar. Infelizmente, esses programas são realizados quando a criança tem um histórico de condutas agressivas e violentas, geralmente em idade escolar, pois muitas crianças, nessa etapa ainda não aprenderam a se autorregular.

Possíveis intervenções realizadas na escola

A escola é um importante ambiente, fora do núcleo familiar, no qual a criança estabelece contato com seu grupo de pares, que é capaz de proporcionar o desenvolvimento de diferentes competências por meio de relações e cooperações interpessoais, negociações, trocas de experiências, entre outros (FANTE, 2005). Além da aprendizagem acadêmica, é na escola que a criança constrói grande parte de seu repertório social e também aprende e internaliza normas morais e éticas. Desde a educação infantil é necessário levar as crianças a perceberem os seus sentimentos e direitos, e também os dos outros, desenvolvendo, assim, atitudes favoráveis à solução pacífica diante das divergências de ideias e desejos, conciliando os interesses de todos os envolvidos.

De acordo com Dias, Schwartz e Lisboa (2014) a agressividade na escola pode ter como finalidade a dominação (relações de poder dentro de um grupo) ou a expressão da dificuldade de relacionamentos e controle de emoções, a primeira finalidade está relacionada à popularidade dentro de um grupo, o que pode representar para a criança, ou jovem, sucesso na adaptação a esse contexto, nesse sentido, o comportamento agressivo pode ser uma estratégia usada, entre outras razões, para a manutenção de um lugar no grupo e também de destaque dele. Já a dificuldade em demonstrar ou identificar emoções e se relacionar com os demais pode dar origem a fama negativa no grupo de colegas ou rejeição. Assim, comportamento agressivo na escola pode ser um indicativo de ‘êxitos’ sociais (popularidade, aceitação do grupo) ou perdas (exclusão, violência), no entanto, é importante salientar que “quando a agressão entre pares torna-se sistemática e intencional, por meio de ações agressivas diretas ou indiretas, pode-se

configurar um subtipo de comportamento agressivo denominado *bullying*” (DIAS, SCHWARTZ e LISBOA, 2014, p. 225).

Em concordância com essas ideias, Olweus (1995) esclarece que esse fenômeno configura-se também pela relação desigual de poder (desequilíbrio de força física ou emocional), os alvos (ou vítimas) parecem concordar com a imagem que seus agressores fazem dele, um outro importante indicativo é a presença de espectadores no momento dessa violência, o autor do *bullying* deseja que seus atos sejam assistidos, como se o público venerasse suas proezas.

A agressividade direcionada a crianças ou adolescentes da mesma idade é diferente daquela dirigida aos professores, aos pais e aos familiares, esta diferença baseia-se principalmente na percepção da autoridade que o outro tem e na hierarquia entre as partes. Quando direcionada aos colegas, a agressividade manifesta-se, em geral, com ataques, agressões verbais, ameaças e humilhações, quando a agressão é dirigida a familiares e professores as formas de agressão são, em geral, não confrontativas, com oposição a ordens recebidas, recusa em realizar atividades cotidianas, perturbação do ambiente escolar ou familiar (LISBOA e KOLLER, 2001). Considerando a ocorrência de comportamentos agressivos dentro do ambiente escolar, Picado e Rose (2009) nos alertam que

Alunos de todas as idades ocasionalmente recorrem a comportamentos agressivos para resolver conflitos interpessoais e enfrentar situações estressantes. No entanto, existem alunos que desde a pré-escola apresentam, de forma consistente e intensa, condutas agressivas, manifestações de raiva, irritabilidade, comportamentos desafiadores, de birra, insultos, ameaças, condutas violentas e recusa à obediência. Em geral, as crianças agressivas não só representam uma ameaça para os seus colegas e professores, mas também se colocam em situação de perigo (PICADO e ROSE, 2009, p. 134)

De acordo com Vinha e Assis (2009), é necessário demonstrar que a criança que está agressiva pode sobressair-se por fazer coisas positivas, por pior que seja seu

comportamento, ela realiza alguns atos bem feitos ao longo do dia na escola. É indispensável valorizar suas ações morais, quando é generosa, solidária e prestativa com seus pares.

Estudos sobre agressividade em crianças da educação infantil podem ser encontrados em Picado e Rose (2009), que indicam um índice de 45% de comportamentos agressivos entre os alunos, Luizzi e Rose (2003) investigaram as condutas agressivas em dezenove escolas municipais na cidade de São Carlos/SP, os resultados indicaram que cada escola apontou uma média de dois alunos com altas taxas de comportamentos agressivos, principalmente a agressão física, além disso, 80% das crianças consideradas muito agressivas são do sexo masculino, segundo o estudo.

Em qualquer sala de aula ou escola os conflitos são vividos diariamente e, por vezes, a agressividade surge como estratégia de crianças para solução dos problemas cotidianos. As intervenções são necessárias uma vez que não é saudável, tão pouco pedagógico, deixar que comportamentos agressivos, físicos ou verbais configurem a única alternativa para resolver conflitos na escola, no entanto, tais intervenções devem ser estudadas e planejadas pela equipe de profissionais que ali trabalham.

De acordo com Dias, Schwartz e Lisboa (2014) é essencial capacitar os profissionais envolvidos no dia a dia da escola por meio de um projeto de intervenção planejado de acordo com as características do ambiente, tal capacitação dará oportunidade para que tais profissionais adotem condutas disciplinares positivas, com normas claras e consistentes, ofereçam suporte afetivo em momentos de estresse, estimulando o respeito mútuo, o equilíbrio e laços afetivos, proporcionem ações que estimulem o desenvolvimento de habilidades sociais, afetividade, cooperação e autoestima dos alunos e favoreçam o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos.

Melo (2010) afirma que, para se realizar qualquer projeto de intervenção em escolas, o primeiro passo é realizar um adequado diagnóstico escolar para identificar quais são as formas do comportamento agressivo, os momentos em que ocorre, lugares e frequência, a partir disso o projeto é fundamentado e inicia-se a implantação com os funcionários da instituição e familiares dos alunos. Ainda de acordo com este autor, é possível implantar quatro estratégias para o enfrentamento dessas questões: estratégias gerais voltadas para todos os envolvidos no projeto com o objetivo de conscientização (palestras, espaços para discussão), estratégias em sala de aula com o trabalho de temas específicos como valorização das diferenças, respeito ao próximo, estratégias individuais com acompanhamento mais próximo a vítimas e agressores e estratégias familiares com um trabalho para os pais para que participem mais da vida escolar dos filhos e possam identificar e prevenir comportamentos agressivos fora do ambiente escolar.

Em consonância com essas ideias, Puig (2004) defende que a intervenção educativa deve ser múltipla, ou seja, deve realizar-se em diversos níveis educativos: dos sujeitos, de pequenos grupos, do grupo-classe e da instituição escolar em conjunto. Dessa forma, este autor considera que a escola trabalha a educação moral seguindo vias diferentes e, algumas vezes, inter-relacionadas: a via pessoal, a via institucional e a via curricular.

A via pessoal refere-se ao conjunto de influências educativas que derivam diretamente da maneira de ser e de fazer dos educadores, que acabam por interferir nas relações entre os alunos. A institucional é o conjunto de atividades educativas que derivam da organização da escola e do grupo-classe, e que deve ter como pressuposto a participação democrática. A terceira, a via curricular, trata do planejamento e da execução de atividades pensadas especificamente para trabalhar a formação moral dos

estudantes, ou seja, situações que propõem discussões de temas pessoais ou sociais que implicam alguma dificuldade ou conflito de valores.

Outra possível intervenção a ser realizada dentro da escola é o trabalho com questões morais, como respeito mútuo, cooperação, autonomia e valores, trabalhar o respeito ao próximo, ao seu corpo, ao seu espaço e aos seus direitos são é fundamental. No entanto, o desenvolvimento moral, pela sua complexidade, é um dos aspectos menos abordados nas práticas escolares, uma vez que em grande parte das escolas os professores acreditam que construção da moralidade seja algo caracterizado apenas pela organização de um conjunto de normas e regras relacionadas à disciplina e ao controle do comportamento das crianças. Para Barrios, Marinho-Araujo e Branco (2011, p. 92) um dos fatores que explicam a deficiente atuação da escola em relação ao desenvolvimento da moralidade dos alunos diz respeito às “possíveis lacunas acerca desse tema na formação inicial e continuada dos professores”.

Para Devries e Zan (1998), as interações professor-aluno têm uma importância fundamental para o desenvolvimento moral, em função do papel do professor como mediador do desenvolvimento da criança, estas autoras acreditam que as relações interpessoais e o ambiente sociomoral que a criança está inserida ensinam que o mundo das pessoas pode ser coercitivo ou cooperativo, individualista ou solidário. Além disso, as intervenções que o adulto faz no ambiente e a forma com que aborda as questões morais são posicionamentos que caracterizam relações autoritárias ou cooperativas, além de serem elementos significativos para o desenvolvimento e educação moral.

Menin (2007) apresenta alguns pontos importantes que a escola deve considerar ao trabalhar com moralidade: a moral deve ser considerada um tema transversal, portanto deve ser abordada por diferentes disciplinas e em diferentes espaços; a escola deve posicionar-se em relação a certos valores fundamentais, como a justiça, o respeito,

o diálogo, necessários à formação autônoma dos alunos; é necessário que os valores, regras e princípios que orientam a tomada de atitudes sejam conhecidos por todos e a capacidade para o diálogo é uma habilidade fundamental e deve ser exercitada por alunos, professores e demais funcionários da escola.

A formação do professor é um fator importante para a superação de conceitos e práticas equivocadas sobre o trabalho com questões morais no dia a dia da escola, Vinha (2000) e Borges (2009) capacitaram professores e obtiveram bons resultados, com mudanças significativas nas concepções e práticas dos professores em um contexto de formação continuada. O ideal é oferecer estudo periódico e sistemático, no qual o professor possa analisar, discutir, comparar, relacionar, trocar e refletir, num processo contínuo. Ainda de acordo com estas autoras, palestras eventuais e pontuais ou estudos esporádicos não provocam transformações significativas na prática do professor, e cursos com um grande número de participantes dificulta a troca de experiências, o diálogo e o atendimento às questões individuais.

Diante das informações que foram apresentadas aqui, conclui-se que o preparo dos profissionais da educação é fundamental para o entendimento de questões do cotidiano escolar, como a agressividade das crianças. Tanto intervenções mais específicas, como orientação e atenção a crianças que estão agressivas, quanto aquelas direcionadas para o favorecimento de um ambiente cooperativo e de respeito mútuo necessitam ser planejadas e estudadas pelos profissionais envolvidos e constantemente avaliadas, com o objetivo de verificar se os objetivos estão sendo atingidos ou não. O preparo deficiente da equipe escolar somado à postura de não enfrentamento de questões essenciais impede que a escola cumpra seu papel.

Considerações Finais

A agressividade infantil não possui causa única e merece atenção dos familiares, equipe escolar e demais profissionais envolvidos com o desenvolvimento humano. As variáveis que influenciam no surgimento e expressão dos comportamentos agressivos são múltiplas e tem origem em fatores biológicos, psicológicos, evolutivos, culturais, sociais e emocionais, além do contexto familiar, práticas educativas parentais e características pessoais. Nesse sentido, o comportamento agressivo é produto de um complexo processo e análises simplistas não favorecem o entendimento do tema.

O comportamento agressivo emerge especialmente em contextos sociais, nos quais há interação, e a escola é considerada a principal oportunidade de socialização das crianças depois do contexto familiar, assim, inúmeras situações de agressividade e violência são vivenciadas diariamente por alunos e professores. O despreparo da equipe escolar, como citado no texto, é um fato que merece atenção tanto da gestão escolar quanto dos profissionais responsáveis pela gestão da educação no âmbito municipal e estadual.

Programas de intervenção cujo objetivo é promover estratégias mais cooperativas e amistosas na resolução de conflitos e diminuir comportamentos agressivos são eficazes quando estudados e planejados de acordo com a realidade escolar, levando em consideração as características da escola, dos profissionais envolvidos e das famílias. A escola sozinha pouco consegue fazer, sendo necessária e bem-vinda a colaboração das famílias, no acompanhamento da vida escolar das crianças e jovens e dos órgãos públicos de gestão de recursos como as secretarias de educação e da Universidade, com a promoção de espaços para estudo e discussões de ações que melhorem a qualidade da escola como um todo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Vanessa de; SILVA, Angélica M. F. M; TEODORO, Maycoln, L. M. Comportamentos agressivos no contexto familiar. In: BORSA, Juliane Callegaro; BANDEIRA, Denise Ruschel. (org) **Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p. 211-222.

BARRIOS, Alia; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria; BRANCO, Angela Uchôa. Formação continuada do professor: desenvolvendo competências para a promoção do desenvolvimento moral. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, p. 91-99, 2011.

BORGES, Roberta Rocha. **Curso de extensão universitária PROEPRE: contribuição para formação de professores da creche**. Campinas, SP: Faculdade de Educação, 2009. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

BORSA, Juliane Callegaro; BANDEIRA, Denise Ruschel. Uma breve introdução ao tema dos comportamentos agressivos. In: BORSA, Juliane Callegaro; BANDEIRA, Denise Ruschel. (org) **Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p. 9-21.

DELUTY, Roberth. Consistency of assertive, aggressive, and submissive behavior for children. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 49, n. 4, p. 1054-1065, 1985.

DEVRIES, Rheta; ZAN, Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sociomoral na escola**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DIAS, Tatiane de Oliveira; SCHWARTZ, Cristian Bacchi; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Comportamentos agressivos no contexto escolar. In: BORSA, Juliane Callegaro; BANDEIRA, Denise Ruschel. (org) **Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p. 223-237.

FANTE, Cleo. **Fenomeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 1. ed. Campinas: Versus, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEME, Maria Isabel da Silva. Resolução de conflitos interpessoais: interação entre cognição e afetividade na cultura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 367-380, 2004.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo; KOLLER, Silvia. Helena. Construção e validação de conteúdo de uma escala de percepção, por professores, dos comportamentos agressivos de crianças na escola. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 1, p. 59-69, 2001.

LUIZZI, Luciana; ROSE, Tania Maria Santana. Comportamento agressivo em pré-escolares: incidência e fatores de risco. In: *XXXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*, 2003, Belo Horizonte. **Anais..** 2003.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola. Como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo.** 1. ed. Recife: Edupe, 2010.

MEMIN, Maria Suzana de Stefano. Escola e educação moral. In: MONTROYA, A. O. D. (org) **Contribuições da Psicologia para a educação.** Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 45-62.

OLWEUS, Dan. Peer abuse or bullying in school: basic facts and a school-based intervention program. **Journal Prospects**, vol. 25, n. 1, p. 113-139.

PICADO, Juliana da Rocha; ROSE, Tania Maria Santana. Acompanhamento de pré-escolares agressivos: adaptação na escola e relação professor-aluno. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 1, p. 132-145, 2009.

PUIG, Josep Maria. **Práticas morais.** São Paulo: Moderna, 2004.

QUEIROZ, Renato da Silva. Agressividade humana: contribuições da Psicologia Evolucionista e da Antropologia. OTTA, E; YAMAMOTO, M. E. **Psicologia Evolucionista.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009, p. 127-132.

SILVA, Gustavo Ramos; OLIVEIRA, Rodrigo Grassi; KRISTENSEN, Christian Haag. A etiologia do comportamento agressivo na infância: modelos teóricos e fatores preditivos. In: BORSA, J. C; BANDEIRA, D. R. (org) **Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática.** 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p. 25-42.

VICENTIN, Vanessa Fagionato. Estilos de resolução de conflitos interpessoais: o que a escola pode fazer? TOGNETTA, L. R. P; VINHA, T. P. **Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade?** Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 229-261.

VINHA, Telma Pileggi. **O Educador e a Moralidade infantil: uma visão construtivista.** Campinas: Mercado de Letras, Fapesp, 2000.

VINHA, Telma Pileggi; ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. Considerações sobre as dificuldades do professor na construção de um ambiente cooperativo em sala de aula. In: TOGNETTA, Luciene Paulino (org) **Virtudes e Educação: o desafio da modernidade.** Campinas: Mercado de Letras, 2009.